ESTADO DE SÃO PAULO

Arenistas procuram 18 JUN 1978 nomes para senador

FLAVIO GALVÃO

Um dos problemas com que se defronta a Arena paulista para as eleições parlamentares de 15 de novembro é o de encontrar políticos que tenham "densidade eleitoral", para usar expressão da moda, os quais queiram concorrer ao Senado, pela via direta, o que se considera, de forma geral, um sacrifício que pode significar até o encerramento de uma carreira política.

Até agora, faltando poucos meses para as eleições, com prazos certos e fatais para o registro de candidatos, somente o próprio presidente regional da Arena, Cláudio Lembo, como que para encorajar outros, declarou-se disposto a marchar para o sacrifício, apresentando-se ao pleito majoritário, ciente de que, no atual quadro, só excepcionalmente alguém do partido do governo poderá sair vitorioso.

Contando apenas três anos de militância político-partidária e embora nesse curto período se tenha destacado como um dos mais atuantes dirigentes da Arena e, ainda, pela coragem de suas definições, Lembo jamais disputou uma eleição e, mantida sua candidatura, terá pela frente, candidatos pelo MDB, o senador Franco Montoro, sem trocadilho, franco favorito, e o ideológico Fernando Henrique Cardoso.

Lembo já deixou claro, repetidas vezes, que é candidato para servir o partido. Pelo mesmo motivo, abrirá mão de sua candidatura, tão logo surjam candidatos. Mas, ninguém praticamente está acreditando que eles apareçam. Vale dizer, ninguém está esperando ver aceita a proposta que o deputado Raphael Baldacci Filho acaba de fazer publicamente: de que ele, Adhemar de Barros Filho e Laudo Natel se candidatem, em sublegendas, a senador.

Baldacci, que se apresenta como um dos caciques eleitorais da Arena paulista, ao condicionar sua proposta a tal participação, na verdade apenas excluiu, liminarmente, a possibilidade de vir a concorrer ao Senado.

De fato, ninguém ignora que Laudo Natel tem horror aos cargos legislativos eletivos. Jamais os disputou, ao contrário, sempre timbrou em declarar que por eles não se interessa e a eles não concorrerá. Só pensa em cargos executivos e, como já foi governador duas vezes, parece que somente aceita, politi-

camente falando, cargo igual ou superior.

Quanto a Adhemar de Barros Filho recorda-se que, em 1974, pretendeu ser candidato ao Senado, declarando-se até disposto a lutar por isso na convenção partidária, do que desistiu quando se evidenciou a posição do poder central favorável ao professor Carvalho Pinto, que não logrou, todavia, reeleger-se, batido fragorosamente pelo candidato do MDB. Não obstante essa tentativa passada, não se acredita que agora Adhemar Filho volte a pleitear uma cadeira na Câmara Alta.

Primeiramente, a última convenção regional da Arena, entre outras coisas, serviu para o enterro das chamadas "lideranças tradicionais", e, ainda, para acabar com um mito que vinha sendo acalentado, cuidadosamente, pelos nele interessados. O mito de que o "ademarismo" continuava sendo uma força e de que, embora extinto, o PSP ainda se mantinha aglutinado, poderoso. Tanto que, divulgada a sua escolha, pelo presidente Geisel, e pelo general Figueiredo, para concorrer ao governo do Estado, Natel, recebendo instruções para conseguir o consenso em torno de seu nome, cuidou apenas de obter o apoio do "ademarismo", aliando-se ao então secretário da Administração.

Provavelmente, subsistia em Natel a lembrança de 1962, quando se elegeu vice-governador, registrado por fracos partidos, mas com o apoio do então forte PSP, vitorioso no pleito com seu chefe por candidato, que, para apoiar Laudo, sacrificou seu companheiro de chapa, professor Teotônio Monteiro de Barros Filho, ao depois compensado com o cargo de ministro da Educação.

Agora, de novo emparceirados, "laudistas" e "ademaristas" foram batidos na convenção arenista, ficando demonstrado que nem o ex-governador tem a "densidade eleitoral", que apregoava, e nem o "ademarismo" constituiu, hoje em dia, força ponderável em São Paulo.

Assim, somente se acredita que ainda apareçam candidatos a senador direto pela Arena, além de Cláudio Lembo, se, previamente, lhes forem asseguradas compensações, em caso de derrota. A não ser assim, de lanterna na mão, como o filósofo grego, o presidente da Arena paulista terá de continuar à cata de candidatos, como ele dispôs ao sacrifício.